CRUZEIRO SEMIÓTICO

dezembro 2024

v. 01 n. 01

fels ediciones

USP

EDITORIAL

Em julho de 1984 nascia a revista *Cruzeiro Semiótico*, por iniciativa de Norma Tasca, semioticista e psicanalista brasileira, residente na Europa e uma grande incentivadora do diálogo científico transatlântico. Como ela mesma advertia *"O que é a ciência semiótica hoje senão uma constelação de projetos científicos que se entrecruzam, apesar da autonomia que cada um reivindica, testemunhando assim as faces possíveis deste domínio do saber em elaboração permanente?"*. Com a criação da FELS – Federación Latinoamericana de Semiótica em encontro realizado na cidade de Rosário, Argentina, em 1987, o periódico torna-se um veículo de referência para os investigadores latino-americanos e europeus. A *Cruzeiro Semiótico* foi editada até 1993, reunindo textos dos mais renomados semioticistas que até hoje são a base do pensamento no campo, reveladores de uma ciência complexa, diversa e em movimento. A busca incessante da compreensão do funcionamento da linguagem humana selou seu compromisso com a divulgação científica subsidiando pesquisas em um período de grande efervescência e trocas entre intelectuais, professores e estudantes do Ocidente global.

Exatos 40 anos depois, em julho de 2024, a Universidade de São Paulo, sedia o X Congresso FELS, juntamente com 17 outras universidades brasileiras e 6 internacionais, sob o título "Semiótica do Futuro. Futuro da Semiótica" e como parte das celebrações, a Junta Diretiva da Federação anuncia a retomada da revista *Cruzeiro Semiótico*, agora um periódico fruto da parceria FELS e USP. Como homenagem e reverência à sua idealizadora, Norma Tasca segue como editora emérita da publicação, a quem dedicamos este primeiro número.

A decisão e o anúncio do renascimento de um periódico já são motivo de alegria dadas as condições de resistência permanente no meio acadêmico brasileiro e latino-americano, ainda mais de um periódico de excelência como é a *Cruzeiro Semiótico*, o que impõe grande responsabilidade à tarefa de sua continuidade. A nova Junta Diretiva da FELS, eleita em 2024, debruçou-se sobre os princípios sobre os quais a nova revista deveria edificar-se e decidiu que os dois primeiros números seriam dedicados à republicação dos mais significativos artigos presentes nas 20 edições de 1984 a 1993. Assim, para o número inaugural selecionamos 11 textos que buscam homenagear grandes autores com a recolocação em circulação científica de textos de difícil acesso e que não se encontravam indexados nas bases de busca atuais, oferecendo aos semioticistas e estudantes reflexões primorosas que nos permitem compreender o funcionamento das linguagens em perspectivas teóricas, contextos e objetos diversos.

Inaugura o primeiro número da nova temporada da *Cruzeiro Semiótico* o texto "Poder-se-á construir uma semiologia dos atos através de uma representação teatral?", de Abraham A. Moles (1920-1992), filósofo, físico e engenheiro francês, um intelectual que deixou vasta produção científica transdisciplinar com contribuições para a Comunicação, Psicologia, Semiótica, Filosofia e Artes. Nesse texto, Moles trata da semiologia articulando o mundo dos signos com as dimensões do real e do teatral. Traçando uma reflexão lúcida sobre as dimensões espaciais impostas pela cena teatral, o autor colabora para a compreensão dos limites e potencialidades da representação, tomando por base a relação palco-comportamento, constituindo um percurso que nos leva ao entendimento da arte criada no teatro como estrutura que abriga múltiplos processos signicos.

O segundo artigo é de Eduardo Peñuela Canizal (1934-2014), semioticista, professor e ex-diretor da Escola de Comunicações e Artes da USP, intitulado "Indícios poéticos da emoção". O autor aborda o papel da emotividade nos textos artísticos, concentrando-se na análise dos signos emocionais e dos efeitos de subjetividade que se instalam no espaço semiótico delimitado pela estética poética. Concentra seus esforços na compreensão das metáforas mímico-gestuais que encobrem em seus ritmos sonoros os resíduos primários que derivam das percepções auditivas, vinculadas ao inconsciente, momento em que Peñuela interage com o corpo teórico do pensamento freudiano. Um texto que contribui para as discussões à época que deram origem ao encontro interdisciplinar entre Semiótica e Psicanálise.

Eero Tarasti, é musicólogo e semioticista finlandês, professor da Universidade de Jyväskylä, na Finlândia, presidente da IASS – International Association for Semiotics Studies, entre os anos 2004-2014, é doutor *Honoris causa* por várias universidades europeias e dos EUA, autor de mais de 50 livros traduzidos para várias línguas e um dos mais importantes intelectuais que participaram da estruturação do campo de estudos semiótica da música. Na ocasião, o autor nos oferece o texto "Em busca das modalidades musicais", uma reflexão refinada sobre a complexidade do signo musical, pela sua natureza, mas também pela variabilidade intrínseca decorrente da modalização executada pelo intérprete. O simples fato de a mesma obra poder ser interpretada de diferente modo é a prova de que as modalidades dos temas musicais se distinguem, ou de que esses temas aplicam as mesmas modalidades, em doses diferentes e em compostos diferentes, ao mesmo objeto semiótico. Tarasti adverte que uma distinção tipológica clássica estabelecida pela diferença entre interpretações "objetivas" e "subjetivas" é insuficiente. Poucos artistas se elevam acima desta dicotomia para serem subjetivamente passionais e, ao mesmo tempo, ouvirem a

sua própria execução com perfeita objetividade, sendo esta a trajetória necessária à compreensão da complexidade do signo musical.

Já José Luiz Fiorin, semioticista e professor da FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, traz o artigo "Algumas considerações sobre o Medo e a Vergonha", texto que estabelece os princípios de uma de suas contribuições mais relevantes, o estudo da enunciação. A problemática da enunciação, segundo Fiorin recobre absolutamente tudo o que é vivido, na medida em que o que se vive é dotado de sentido para os sujeitos que interagem. Assim, esse sentido é produzido pela interação. Tomando como fundamento o conceito de simulacro, o autor explicita sua centralidade nas relações intersubjetivas em todos os domínios da vida social. Os discursos revelam sempre os simulacros que constroem um do outro e um para o outro, ao longo do processo comunicativo, enunciador e enunciatário; eles são sempre sociais. Assim, a análise do discursivo preocupa-se em detectá-los e não em verificar se correspondem, como fazia *um certo marxismo vulgar* ultrapassado ou *uma determinada psicanálise de algibeira*, a posições sociais reais ou a um perfil psicológico verdadeiro do enunciador. Na realidade, isso não tem nenhuma importância. Como afirma Fiorin, pouco importa se x é um pequeno burguês ou se y não resolveu seu complexo de Édipo. O que realmente é digno de nota é que os simulacros construídos no e pelo discurso deixam entrever determinações modais e papeis temáticos e actanciais valorizados ou não por uma dada cultura, o que ela permite desejar, o que obriga a temer, aquilo de que faz envergonhar-se. Em síntese, o discurso estabelece que desejos é preciso desejar e que desejos não se pode ter.

"La finzione come simulazione" é o texto de José Maria Paz Gago, semioticista, catedrático da Universidad de la Coruña, Espanha e ex-presidente da FELS – Federación Latino-americana de Semiótica. O artigo aborda a produção ficcional como simulacro e, nesse sentido, tensiona a diferença entre o signo ficcional e o signo real, conjecturando que o verdadeiro ou o falso residem na intencionalidade do enunciador. Além de ser um texto exuberante sobre os processos de significação, mantém-se absolutamente atual às reflexões sobre verdade e falsidade, *fake news* e desinformação, próprias da vida na sociedade contemporânea midiatizada.

O filósofo alemão, professor emérito da Johann Wolfgang Goethe-Universität, presidente da Charles S. Peirce Society em 2000, Karl-Otto Apel (1922-2017) nos oferece uma reflexão refinada sobre os fundamentos da filosofia pragmática da linguagem no caminho da constituição de uma semiótica transcendental. Em alinhamento com o pragmatismo de Peirce, Apel afirma que o intérprete do signo não pode se limitar à posição de um observador dos fatos do mundo ou em suas palavras não pode ter o "comportamento mediador dos signos" apenas. Ele é obrigado a produzir

uma relação comunicativa com signo a ser interpretado; uma relação determinada pela previsão heurística do possível consenso intersubjetivo de todos os possíveis intérpretes de signos, um consenso relativo aos requisitos de validade ligados aos atos de fala (significado, verdade, veracidade, correção normativa...). Mas adverte Apel, que isso implica que não podemos mais ignorar a dimensão hermenêutica transcendental e a dimensão pragmática transcendental da interpretação autorreflexiva real, que constitui, como uma relação sujeito-co-sujeito, a comunidade (ilimitada) da comunicação, como o sujeito transcendental da interpretação dos signos. Em síntese, a redução empirista da dimensão transcendental da semiose deve ser ultrapassada, e deve ficar claro que a condição do requisito de validade da tese da triadicidade da relação peirciana de signo foi cumprida, como a condição real da possibilidade de conhecimento mediado semioticamente.

Norma Tasca, Universidade do Porto e editora emérita da *Cruzeiro Semiótico,* e Claude Zilberberg (1938-2018), do Grupo de Pesquisas Semio-linguísticas de Paris, realizaram em 1989 a entrevista com Algidras Julien Greimas (1917-1992), semioticista de origem lituana, formado na França e responsável pelo estabelecimento das bases da Escola de Semiótica de Paris. A entrevista inicialmente publicada no suplemento "Cultura e Arte", do jornal O Comércio do Porto, é primorosa e nos oferece as contribuições centrais das pesquisas de Greimas a partir do texto referencial L´Imperfection, de 1987, onde o autor procura demonstrar um método capaz de dar conta do complexo fenômeno da apreensão estética, ligado ao inesperado, ao espanto, ao estupor. Na ocasião o autor reitera que o conhecimento já implica a dimensão cognitiva, assim, a racionalidade está na raiz das estruturas elementares de significação. Para Greimas é pelo caminho do figurativo, pela conjunção do sujeito com o mundo, pelos canais sensoriais, que chegamos a uma espécie de percepção imediata da verdade. Portanto, há este problema: podemos conciliar o conhecimento, o conhecimento por meio do racional e o conhecimento por meio da percepção imediata? Existem "estados de percepção", como dizemos "estados de consciência"? Essas duas coisas são irreconciliáveis, pergunta o autor. Esta constatação traz à mente a filosofia eterna, o debate entre afetividade e racionalismo. A entrevista segue com as reflexões de Greimas sobre cotidiano e ruptura, chamando a atenção para o exercício permanente da busca de significado, o que já circunscreve o semioticista à sua realidade cotidiana mais imediata.

Lucrécia Escudero, semioticista da Universidade de Rosário, argentina e atualmente editora da revista DeSignis entrevista o semioticista italiano da Universidade de Palermo, Paolo Fabbri (1939-2020) e nos oferece um percurso à compreensão sobre o lugar das paixões nas investigações semióticas. Com referência a uma conferência

de Fabbri que aconteceu no Centro Internacional de Semiótica de Urbino, a conversa se desenvolve em busca do entendimento acerca dos conceitos Paixão e Valorização. Para Fabbri este entendimento é crucial: por um lado ele buscou entender o problema da paixão, e por outro lado, o problema da valorização, sempre a partir da compreensão de que a paixão está ligada à valorização. A valorização é um fenômeno muito geral, especificado por sua dimensão passional. Enquanto a teoria do passional sempre esteve ligada à psicologia social e também à sociologia como um tópico relevante, a análise semiótica, organizada preferencialmente em torno de problemas de articulação semântica e frequentemente - na versão americana - a verdade, não deixou espaço para a problemática de uma dimensão passional. Essa dimensão foi geralmente rejeitada na dimensão conotativa da linguagem, segundo Fabbri. Já o problema do valor, tradicional na sociologia ou na psicologia social - e, em geral, nas ciências humanas - também não foi enfatizado na semiótica, porque a semiótica tendia a ler o valor como puro valor diferencial. Esta é a explicação das razões pelas quais a paixão foi deixada de lado pela semiótica, no entanto, agora retoma e torna-se bastante central nas investigações, impulsionada pelas reflexões de Greimas a partir dos anos 70. Problematizando a compreensão sobre a temática, Fabbri entende que a paixão é o mesmo que ação, vista do ponto de vista de quem a recebe e a paixão é uma posse passiva, no sentido daquele que de alguma forma recebe a ação. Para finalizar, Fabbri reconhece o valor da semiótica no estudo das paixões, distanciando-se de outras regionalidades científicas, como a Filosofia, centrada em modelos binários e agregativos que descreviam as paixões como hierarquias de estados. A semiótica busca aportar relevo e complexidade à reflexão ao concentra-se nas nuanças que constituem e estruturam as paixões humanas.

"Estética Lacaniana: real, simbólico e imaginário" é o título do artigo da semioticista, psicanalista e criadora do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise da PUC SP, Samira Chalhub (1943-1998). O texto contempla as reflexões sobre estética presentes nos textos de Lacan. A partir da compreensão de que a estética obstaculiza o desejo – reflexão presente no Seminário 7 "A ética da Psicanálise" – Samira explicita que a interferência está primeiramente no sentido de censura do inconsciente, ou seja, não relaxar, não ceder à regra da associação livre porque ela faz uma imagem do analista, criando um véu, uma aparência. Fazer uma imagem, ou seja, constituir um eu – em referência ao estádio do espelho onde a estética lacaniana aponta para uma harmonia proporcional na direção do ideal do eu que é o futuro do eu ideal. Trata-se de uma fabulação imaginária, uma ficção, uma imagem à qual o sujeito se apega, uma ilusão. Já no Seminário 11 Lacan apresenta o conceito de pulsão escópica, com a separação entre o olho e o olhar, a partir da crítica à fenomenologia de Merleau-Ponty sobre o visível e o invisível. De acordo com a autora, o olhar refere-se tanto ao "visível"

anamórfico do enunciador como observador quanto ao inconsciente que vê antes do olho (este é o olhar). Samira traça ponderações sobre o olhar e uma teoria da recepção que propõe um lugar de subjetividade para o receptor entre o imaginário estético da performance especular e a pulsionalidade sempre parcial, metonímica, descontínua do grande paradigma de Das Ding (Freud) e da escopia do olhar. Para finalizar, a autora compreende que os distintos ângulos em que a estética surge nos escritos de Lacan, estão relacionados aos três registros, discorrendo assim sobre uma estética simbólica repousada na generalização, uma estética imaginária proveniente do estágio do espelho e uma estética real presa ao sujeito.

Os dois textos que encerram este número de celebração são de Thomas A. Sebeok (1920-2001), linguista e semioticista húngaro, naturalizado americano, formado na Universidade de Princeton e professor na Universidade de Indiana, EUA, um dos fundadores da biossemiótica e da zoosemiótica, uma vez que centrou seus esforços na compreensão dos processos comunicacionais entre humanos e não-humanos. Os textos aqui publicados são intitulados "Sintoma" e "Sintoma – conclusão". O primeiro texto trata da complexidade que é compreender uma palavra, envolvendo as dinâmicas lexicais, os conceitos e os contextos de uso. A palavra "sintoma" já traz tal complexidade, uma vez que pode ser compreendida a partir da linguística, mas também como referência médica, na realidade das sensações do corpo. Sebeok afirma que o sintoma é sentido, o signo é observado por outra pessoa. Estes dois termos cobrem o extenso campo da semiótica, ainda que frequentemente confundidos, e os termos trocados sem aviso. Segundo o autor, esta passagem acentua a importância de separar o "mundo privado" da introspecção, relatado pela descrição dos sintomas pelo paciente, por exemplo, do mundo público dos signos relatados pela descrição do comportamento por parte do médico. A implicação semiótica é a seguinte: "Alguma coisa observada (=exterior) representa alguma coisa que é (hipoteticamente) notada pelo sujeito observado (=interior). Ou, em síntese, alguma coisa no sistema observador representa alguma coisa no sistema observado. Assim, para qualquer comunicação, esta relação complementar é obrigatória, porque o organismo e o seu *Umwelt* (ambiente) juntos constituem um sistema. A passagem do processo fisiológico à semiose é uma consequência do fato de o observador assumir uma postura hipotética dentro do sistema observado. Sebeok traz as considerações de Peirce centradas no entendimento de que um *sintoma* nunca é uma espécie distinta de signo, mas uma mera subespécie, isto é, o índice e evidencia tal compreensão na passagem a seguir: "Tal, por exemplo, é uma peça de um molde com um furo de projétil como signo de um tiro; visto que sem o tiro não haveria o furo; mas lá está um furo, queira alguém atribuí-lo ao tiro ou não". Aqui o ponto essencial é que

o caráter indicial de um signo não seria anulado se não houvesse um interpretante, mas somente se o objeto fosse removido – a persistência e a autonomia do índice. Um *índice* é aquele tipo de signo que se torna tal por virtude de estar realmente em conexão com o seu objeto. "Tal é um sintoma de doença...". Temos um índice, prescreveu Peirce em 1885, quando há uma "relação dual direta do signo com o seu objeto, independentemente da mente que usa o signo... São desta natureza os signos naturais e os sintomas físicos".

Já o segundo texto é especialmente didático à compreensão dos fundamentos médicos da noção de sintoma. Retoma Hipócrates e, principalmente, Galeano, explicitando as características científicas dos postulados médicos. Depois, Sebeok problematiza as complexidades impostas pelas experiências sensoriais, destacando a possibilidade da instalação de verdadeiros paradoxos semióticos, tal como a seguinte contravenção clássica "Um buraco num dos meus dentes, que me parece gigantesco quando passo a língua nele, é um sintoma subjetivo que posso escolher para falar ao meu dentista. Ele deixa-me observá-lo num espelho e fico surpreso com a abertura – o signo objetivo – trivialmente pequena". A questão é: que interpretação é "verdadeira", a conseguida via modalidade tátil da língua ou a transmitida pela percepção ótica (a visão no espelho)? A imagem sentida e a forma vista não correspondem. Naturalmente o dentista não está preocupado com o tamanho do buraco; ele obtura a cavidade que vê e pronto. Sebeok encerra o texto de forma visionária quando afirma que "O futuro da sintomatologia dependerá claramente do desenvolvimento de programas usando técnicas de computador derivadas de estudos da inteligência artificial". A IA vem sendo planejada para parodiar e complementar, se não mesmo substituir, os processos da semiótica humana, como o julgamento baseado na intuição (em outras palavras, abdução). Este conjunto formado pelos dois textos de Sebeok são a referência essencial ao entendimento do índice e seus crescimentos a partir das lógicas instauradas pelos algoritmos e sistemas de aprendizagem e correlação próprios das aplicações da Inteligência Artificial.

Assim, renasce Cruzeiro Semiótico. A predestinação imposta pelo nome, Cruzeiro é sempre plural e segue em movimento. Derivada de cruz, nos remete ao contexto religioso e cristão, ao objeto de sacrifício, martírio e morte e, por isso, devoção. Nos leva aos monumentos arquitetônicos criados a partir da centralidade do objeto. Da sua materialidade primordial – pedras e madeiras – derivam suas relações com peso, incômodo e sofrimento. Cruzeiro é viagem, navio, moeda, constelação. Como travessia pode ser transposição, superação, imposição, mas também diálogo, partilha e crescimento e a esse alinhamento é que Cruzeiro se constitui. *Cruzeiro Semiótico*, um caminho hermenêutico em construção permanente, mas

que também é encontro, convergência e espanto, próprios das dinâmicas do pensamento e da significação. Desejo uma (re)leitura repleta de momentos iluminados, conexões primorosas e significados inovadores pois os textos e os autores aqui reunidos possibilitam e nos oferecem tudo isso. Ótima leitura!

CLOTILDE PEREZ
Entre Roraima e São Paulo
Dezembro de 2024

COMO CITAR CÓMO CITAR

PEREZ, Clotilde. Editorial.**Cruzeiro Semiótico**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 1-9, dez., 2024.

CC BY NC SA